

Sete soldados da PM são presos depois de espancar dois menores fugitivos do Cajé. Agressão foi registrada em videotape

Fotos: Reprodução



Imagens do vídeo exibido ontem pela TV Brasília: dois policiais chutam um garoto sob o carro e lhe dão tapas até chegar à kombi

ESPANCAMENTO FARDADO

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do Correio

Primero foi o alto comando da Polícia Militar do Distrito Federal, composto por sete oficiais da mais alta patente. Entraram, um por um, na sala de cinco metros quadrados, cercada por telas de diferentes polegadas. Com suas fardas impecáveis puderam acompanhar, na tarde de ontem, oito minutos de gravação sob os holofotes da mídia.

Com exceção do número um da PM de Brasília, o coronel Ney Monteiro Guimarães, todos estavam lá. O corregedor, o relações-públicas, o comandante do policiamento do DF, os dois comandantes regionais e o comandante do 3º Batalhão da Polícia Militar, responsável pelo policiamento da Asa Norte e do Lago Norte. Responsável também por tudo o que acontece na bomba prestes a explodir chamada CAJE, ou Centro de Atendimento Juvenil Especializado.

Foi do CAJE que três menores infratores fugiram na noite do domingo, dando início a uma verdadeira

caçada humana que ainda não terminou. Um dos detentos não foi recapturado até o momento. Durante a operação, dois policiais encontraram um menor, pouco antes da meia-noite do domingo, escondido debaixo de um fusca prateado.

Um cinegrafista amador conseguiu registrar, no Centro Empresarial Norte, a cena deplorável. Dois policiais começaram a chutar o menor quando este ainda estava sob o carro. O vídeo foi exibido pela TV Brasília.

O espancamento durou vinte e cinco segundos. Depois de retirá-lo — puxando-o pela camisa — do esconderijo, o garoto foi levado até uma kombi da Fundação de Serviço Social/DF. No trajeto, continuou a ser espancado.

Depois que o menor foi colocado no interior da Kombi, um monitor do CAJE, vestido com um colete preto da instituição, gritou para ele: “Sou pai de família”. Mais tarde, o diretor do CAJE, Paulo Reis, dizia que o grito era porque o menor tinha tentado furá-lo com um estoque — faca artesanal — antes da fuga. Um terceiro policial militar também se aproximou da Kombi nesse momento.

Minutos depois, o Gol placa JFO 2649-DF chegou ao local. Dele, desceram o diretor da instituição, Paulo Reis, outro policial militar e outro civil, provavelmente monitor do CAJE.

Após registrar a chegada do diretor, o cinegrafista voltou sua câmera novamente para as portas abertas da Kombi. Mesmo com a presença de Paulo Reis, os policiais continuaram batendo no menor. Eles entravam e saíam da Kombi entre gritos de horror vindos do seu interior. Apesar de as imagens não mostrarem o interior da Kombi, em uma das cenas, ficou claro que uma pessoa entrou no carro e bateu no menor — o banco do carro balançou — a menos de dois metros do diretor que observava tudo.

Uma segunda Kombi chegou ao local trazendo outro civil e mais dois policiais militares. Eles se juntaram aos outros comemorando a ação “bem sucedida” entre gritos e cumprimentos. O civil abaixou um capuz que mantinha na cabeça e também aproveitou para entrar na Kombi. Logo depois, Paulo Reis entrou no Gol e saiu em direção ao CAJE. As duas Kombis o acompanharam.

OMISSÃO

Ao final da sessão de chutes e tapas desferidos por policiais militares que usavam fardas bem parecidas com as dos seus comandantes, os coronéis saíram da sala cabibai-xos. Antes, porém, o comandante geral da Polícia Militar do Distrito Federal quis saber do número dois na hierarquia da corporação, o coronel Antônio Castro Filho, qual era o teor da fita. “A fita mostra os policiais batendo em um menor que tinha fugido do CAJE”, explicava, ainda na sala, Castro.

O coronel Ney quis saber mais. Queria detalhes. “Eles (os policiais) deram chutes e tapas no menor quando ele já estava imobilizado e depois comemoraram a ação gritando e se cumprimentando”, disse.

O corregedor-geral da Polícia Militar, Belísio Motta, afirmou, logo depois da sessão que mostrou os espancamentos, que vai “identificar e abrir Inquérito Policial Militar, imediatamente, contra cada um dos policiais envolvidos para que eles possam ser expulsos da corporação e julgados como civis”.

■ Leia mais na página 3

AS CENAS DO VÍDEO

■ Um menor fugitivo se esconde embaixo de um fusca

■ Um soldado chuta duas vezes o garoto. Outro soldado também chuta.

■ Outro rapaz é levado para a Kombi da Fundação do Serviço Social (FSS) por um soldado e um rapaz com um colete (onde só dá para ler DF)

■ O soldado arrasta o menino que estava embaixo do fusca. O garoto se rende, colocando a mão na nuca. Mesmo assim, é agredido por trás, com chutes e murros até ser colocado na kombi.

■ Dois soldados entram na kombi e batem no menino

■ Um soldado chuta o fusca com tanta violência, que sai mancando

■ O rapaz de colete gesticula muito. Em um certo trecho diz “Ele que me bateu”

■ Esse mesmo rapaz sai para o outro lado da rua. Um soldado conversa com ele. Ele coloca as duas mãos na nuca. Fala

alguma coisa tipo “Eu também sou pai”

■ Chega o gol branco placa JFO 2649, com o diretor do Cajé, outra pessoa com roupa comum e mais um soldado.

■ O diretor cumprimenta todos os policiais e dá uma olhada dentro da kombi

■ Em seguida chega outra kombi da FSS. Descem dois soldados e o motorista.

■ Todos se cumprimentam (com muito entusiasmo)

■ Entra na kombi uma das pessoas que não estão de uniforme e bate em um dos meninos

■ Um outro policial sai de dentro da kombi

■ Dá para ver, também, que uma pessoa, com a camisa quadriculada, usa um capuz preto

■ Eles dão a operação por encerrada. Fecham a porta da kombi. Sai o gol e, em seguida, a kombi onde estão os garotos. A outra segue os dois carros.